

Arthur Conan Doyle

O Escriturário da Corretagem

Título original: *The Stockbroker's Clerk*

Publicado em *The Strand Magazine*, Londres, 1893

Sobre o texto em português

Este texto digital reproduz a tradução de *The Stockbroker's Clerk* publicado em *As Aventuras de Sherlock Holmes*, Volume III, editado pelo Círculo do Livro e com tradução de Lígia Junqueira.

Logo após meu casamento, comprei uma clínica no distrito de Paddington. O velho sr. Farquahar, que a vendeu a mim, tivera em outros tempos uma excelente clínica. Porém, a idade e uma doença idêntica à de São Vito emagreceram-no muito. O público, como é natural, baseia-se no princípio segundo o qual quem cura os outros deve curar-se a si próprio, e parece considerar com desconfiança os dons curativos de alguém cujo caso pessoal escapa ao alcance de seus remédios. Portanto, à medida que meu predecessor enfraquecia, sua clientela diminuía. Quando a comprei, baixara de mil e duzentos para pouco mais de trezentos clientes ao ano. Entretanto, eu confiava em minha juventude e energia, e estava convencido de que, em poucos anos, o negócio estaria tão florescente como antes.

Por três meses depois de assumir a clínica, conservei-me apegado ao trabalho. Via, portanto, muito pouco meu amigo Sherlock Holmes, pois estava ocupado demais para visitar a Baker Street, e raras vezes saía para qualquer outra parte, exceto no desempenho de minha profissão. Por isso, fiquei surpreso certa manhã de junho, quando, sentado, lia o *British Medical Journal*, depois da refeição matutina, ao ouvir o toque da campainha, seguido do som alto e estridente da voz de meu companheiro.

— Ah! Meu caro Watson — disse ele, entrando na sala a passos largos. — Estou muito contente de vê-lo. Espero que a sra. Watson se tenha curado de todos os pequenos desequilíbrios relacionados com nossa aventura de O signo dos quatro.

— Muito obrigado, estamos ambos muito bem — respondi, apertando-lhe calorosamente a mão.

— Espero, também — continuou ele, sentando-se na cadeira de balanço —, que os cuidados com a clínica não lhe tenham obliterado completamente o interesse que costumava ter pelos nossos pequenos problemas dedutivos.

— Pelo contrário — respondi —, ainda a noite passada estive examinando todas as minhas velhas notas e classificando alguns de nossos resultados.

— Espero que não considere sua coleção encerrada.

— De forma nenhuma. Não desejaria outra coisa senão mais algumas das tais experiências.

— Hoje, por exemplo?

— Sim, hoje mesmo, se quiser.

— E mesmo num lugar distante, como Birmingham?

 Sidney Paget, 1893

— Certamente, se o desejar.



— E a clínica?

— Também atendo a do meu vizinho, quando ele sai! E ele está sempre pronto a pagar-me a dívida.

— Ah! Não podia ser melhor — disse Holmes, encostando-se para trás e olhando vivamente para mim por baixo de suas pálpebras semicerradas. — Vejo que não tem passado bem ultimamente. Os resfriados de verão são sempre difíceis.



— Fiquei em casa três dias na semana passada, por causa de um grande resfriado. Mas supunha que já o houvesse eliminado.

— Assim é. Pois parece-me admiravelmente robusto.

— Como o sabe então?



— Você conhece meus métodos.

— Então deduziu-o?

— Certamente.

— E como?



— Pelos seus chinelos.

Olhei para os chinelos de couro que tinha nos pés.

— Que diabo! — comecei, mas Holmes respondeu às minhas perguntas ainda antes que eu as formulasse.



— Seus chinelos são novos — disse ele. — Não têm mais de algumas semanas. A sola que neste momento me mostra está levemente queimada. A princípio, pensei que tivesse sido molhada e se chamuscara ao secar. Mas perto do salto há um pequeno círculo de papel, com os hieróglifos do fabricante. A umidade o teria removido. Portanto, você esteve sentado com os pés estendidos para o fogo, coisa que uma pessoa não faria nem mesmo num mês de junho tão úmido como este, se estivesse com perfeita saúde.

Uma vez explicada, a coisa pareceu-me a própria simplicidade, como todo raciocínio de Holmes. Ele leu meu pensamento e seu sorriso teve um laivo de amargura.



— Receio que traia a mim próprio quando explico — disse ele. — Os resultados sem causa são muito mais impressionantes. Então, está pronto a ir comigo a Birmingham?

— Certamente. Qual é o assunto?

— Contar-lhe-ei no trem. Meu cliente está lá fora num carro de quatro rodas. Pode vir já?



— Só um instante.

Rabisquei uma nota para meu vizinho, precipitei-me escada acima para explicar o caso a minha mulher e juntei-me a Holmes no degrau da porta.

— Seu vizinho é médico? — disse ele, indicando com a cabeça a placa de bronze.



— É. Comprou uma clínica, como eu.

— Um velho estabelecimento?

— Exatamente como o meu. Ambas as clínicas têm funcionado aqui desde que foram

construídas as casas.

— Então apanhou a melhor das duas.

— Penso que sim. Mas como sabe?

— Pelos degraus, meu rapaz. Os seus estão gastos sete centímetros mais que os dele. Mas aquele cavalheiro no carro é meu cliente, o sr. Hall Pycroft. Permita-me que o apresente. Chicoteie seus cavalos, cocheiro; estamos em cima da hora para apanhar o trem.

O homem com quem deparei era um jovem de bela constituição, tez fresca, fisionomia franca e honesta, e um ligeiro bigode amarelo e encrespado. Usava uma luzidia cartola e um traje de um preto sóbrio que o fazia parecer o que era — um jovem da City, da chamada classe cockney, a qual fornece nossos regimentos voluntários de craques e da qual saem atletas e desportistas mais exímios do que de qualquer outro agrupamento destas ilhas. Seu rosto redondo e corado era naturalmente cheio de jovialidade, mas os cantos da boca pareceram-me caídos, com uma expressão de tristeza meio cômica. Entretanto, só quando estávamos todos no vagão de primeira classe, a caminho de Birmingham, pude conhecer a dificuldade que o obrigara a procurar Sherlock Holmes.

— Teremos setenta minutos de viagem — observou Holmes. — Quero, sr. Pycroft, que conte a meu amigo sua interessante experiência, exatamente como a contou a mim, ou, se possível, com mais pormenores. Ser-me-á útil ouvir outra vez a sucessão dos acontecimentos. É um caso, Watson, que pode ter muita ou pouca importância, mas que pelo menos apresenta esses traços raros, característicos e outrés que são tão caros a você como a mim. Agora, sr. Pycroft, não o interromperei mais.

Nosso jovem companheiro olhou para mim com um piscar de olhos.


— O pior da história — disse ele — é que me apresento como o mais abominável idiota. Entretanto, pode ser que tudo corra bem, e não vejo como poderia ter agido de outra maneira. Mas, se tivesse perdido o emprego sem nenhuma compensação, sentiria que fora um palerma. Não sou muito bom para contar histórias, sr. Watson, mas é mais ou menos o seguinte:


"Eu estava habituado a meu emprego na Coxon & Woodhouse, em Draper's Gardens, mas a firma viu-se abalada, no começo da primavera, por causa do empréstimo venezuelano, como sem dúvida se lembra, e deu-se um terrível colapso. Eu trabalhara lá cinco anos, e o velho Coxon deu-me uma ótima carta de apresentação quando chegou a falência, mas nós, os escriturários, ficamos desempregados; vinte e seis de nós. Tentei aqui e ali, mas havia tantos outros rapazes na mesma situação que por muito tempo foi um completo fracasso. Recebia três libras por semana na casa de Coxon, e economizara setenta, mas depressa as gastei. Em breve atingi o máximo de minhas dificuldades, e já não podia arranjar nem selos para responder aos anúncios, nem envelopes onde pudesse colá-los. Gastei meus sapatos subindo os degraus dos escritórios, e parecia mais longe que nunca de conseguir um emprego.

"Afinal, soube de uma vaga na casa Mawson & Williams, a grande firma de corretagem da Lombard Street. Suponho que não se interesse muito por negócios da Bolsa, mas posso afirmar-lhe que é praticamente a casa mais rica de Londres. O anúncio devia ser respondido somente por carta. Mandei-a com minhas referências e meu currículo, mas sem a menor esperança de conseguir o emprego. Chegou-me a resposta pelo correio dizendo que, se eu

 W. H. Hyde, 1893

aparecesse na segunda-feira,  W. H. Hyde, 1893

 poderia iniciar meu trabalho imediatamente, contanto que minha aparência satisfizesse. Ninguém sabe como essas coisas acontecem. Há pessoas que dizem que o gerente meteu a mão num monte de cartas e tirou a primeira que apanhou. Seja como for, era minha grande chance, e eu nunca me senti mais feliz. O salário era de uma libra, com um extra semanal, e o trabalho, quase o mesmo da casa Coxon.

 "E agora chego à parte estranha do negócio. Encontrava-me em meu quarto, no Potter's Terrace, 17, em Hampstead. Era a mesma tarde em que me fora prometida a colocação, e eu fumava sentado quando a proprietária subiu com um cartão onde estava impresso: "Arthur Pinner, agente de finanças". Jamais ouvira aquele nome, e não pude atinar com o que ele queria de mim. Mas pedi que o mandasse entrar. Era uma pessoa de estatura média, cabelos e olhos escuros e barba preta, com um laivo lustroso no nariz. Possuía maneiras vivas e falava com astuciosa precisão, como homem que sabe o valor do tempo.

 Sidney Paget, 1893

"— Sr. Pycroft, segundo creio — disse ele.

"— Exatamente, senhor — respondi.

"— Esteve empregado recentemente na casa Coxon & Woodhouse?

"— Sim, senhor.

"— E agora pertence ao quadro de funcionários da Mawson?

"— Perfeitamente.

"— Bem — disse ele. — O fato é que tenho ouvido algumas histórias realmente extraordinárias a respeito de suas habilidades em questões de finanças. Com certeza se lembra de Parker, o gerente da Coxon? Ele não se cansa de elogiá-lo.

"— Certamente, alegre-me ouvir isso. — Sempre fui um bom funcionário, mas jamais


sonhei ser citado na City.

"— O senhor tem boa memória? — perguntou.

 "— Bastante clara — respondi modestamente.

"— Permaneceu em contato com o mercado enquanto esteve desempregado?

"— Sim. Leio as cotações da Bolsa todas as manhãs.

 "— Fato que mostra uma verdadeira vocação — exclamou ele. — É a maneira de prosperar. O senhor não me levará a mal se lhe fizer umas perguntas, pois não? Deixe-me ver! Como estão as Aryshires?


"— Cento e cinco a cento e cinco e um quarto.

"— E os consolidados da Nova Zelândia?

"— Cento e quatro.

 "— E as British Broken Hills?


"— Sete a sete e seis.



"— Admirável! — exclamou, erguendo as mãos. — Está perfeitamente de acordo com tudo o que eu tinha ouvido. Meu rapaz, meu rapaz! Você é bom demais para ser escriturário da casa Mawson!

"Aquela exclamação muito me espantou, como o senhor pode imaginar.

"— Bem — disse-lhe eu. — Há pessoas que não pensam tão bem de mim como o senhor parece pensar, sr. Pinner. Lutei muito para arranjar esta colocação, e estou muito contente com ela.



"— Qual o quê, homem, você deve subir muito mais! Não está em sua verdadeira esfera. Vou-lhe dizer o que penso a esse respeito. Aquilo que tenho a oferecer-lhe é muito pouco em relação à sua competência, mas compará-lo com a colocação na Mawson é como comparar a água e o vinho. Quando vai para a Mawson?

"— Segunda-feira.



"— Ah! Ah! Creio que posso arriscar um pequeno gracejo, dizendo que não porá os pés naquela casa.

"— Não irei para a Mawson?

"— Não, absolutamente. Nesse dia, será o gerente da Franco-Midland Hardware Company, Limited, fábrica de louça com cento e trinta e quatro filiais nas cidades e vilas da França, sem contar uma em Bruxelas e uma em San Remo.



"Aquilo quase me fez perder o fôlego.


"— Mas nunca ouvi falar nessa companhia!

"— Provavelmente. Tem sido mantida em sigilo porque o capital investido era todo particular, e é uma coisa muito boa para ser publicada. Meu irmão, Harry Pinner, é seu fundador, e se associará à junta depois de eleito diretor-gerente. Sabendo que eu andava por aqui a tratar de negócios, pediu-me que arranjasse um homem bom, por módico salário, um jovem diligente, que tenha bastante energia. Parker falou-me de você, o que me trouxe aqui esta noite. Só podemos oferecer-lhe a bagatela de quinhentas libras para começar.



"— Quinhentas libras por ano! — gritei.


"— Só para começar. Mas terá uma comissão extra de um por cento em todos os negócios feitos por seus agentes, e posso empenhar minha palavra que ela lhe dará mais que o salário.



"— Mas eu nada sei a respeito de louça.

"— Ora essa, meu rapaz, você conhece os números.

"Minha cabeça zumbia, e foi com dificuldade que consegui sentar-me na cadeira. Mas, de repente, um pequeno sentimento de desconfiança se apoderou de mim.



"— Preciso ser franco — disse eu. — A Mawson dá-me apenas duzentas, mas é garantida. Ora, na realidade não sei quase nada de sua companhia que...

"— Ah!, que esperto, que esperto! — exclamou ele, numa espécie de êxtase de contentamento. — Você é nosso homem. Não se deixa levar por palavras, e faz muito bem. Mas aqui está uma nota de cem libras, se acha que podemos combinar o negócio; meta-a no bolso como adiantamento de seu salário.



"— É muita generosidade — disse eu. — Quando começarei a trabalhar?

"— Esteja amanhã à uma hora em Birmingham. Tenho aqui no bolso um bilhete que você levará a meu irmão. Encontrá-lo-á na Corporation Street, onde estão instalados

temporariamente os escritórios da companhia. É claro que ele precisa confirmar o contrato, mas cá entre nós está tudo combinado.



"— Realmente, sr. Pinner, não sei como exprimir minha gratidão.

"— Não há de quê, meu rapaz. Apenas conseguiu o que merece. Há uma ou duas coisas. . . . meras formalidades que devo combinar com você. Tem aí um pedaço de papel? Tenha a bondade de escrever: 'Pretendo trabalhar como gerente da firma Franco-Midland Hardware Company, Limited, com o salário mínimo de quinhentas libras'.



"Fiz como me pediu, e ele pôs o papel no bolso.

"— Há outro pormenor — disse ele. — O que pensa fazer em relação à Mawson?

"Com a alegria, já esquecera tudo o que dizia respeito à Mawson.

"— Escrevo-lhe para pedir demissão.



"— É exatamente o que não quero que você faça. Já tive um atrito com o gerente da Mawson por sua causa. Fui lá pedir-lhe informações a seu respeito, e ele foi muito agressivo... acusou-me de afastá-lo do serviço da firma, e coisas desse jaez. Por fim, perdi a calma. 'Se os senhores querem homens bons, devem pagar-lhes um bom salário', disse eu. 'Ele prefere nosso pequeno salário em vez do seu', respondeu ele. 'Aposto cinco libras', disse eu, 'em como o senhor nunca mais ouvirá falar dele se eu lhe fizer nossa oferta.' 'Combinado', respondeu. 'Nós o tiramos da sarjeta e ele não nos deixará facilmente.' Foram essas suas palavras.



"— Patife! — gritei. — Nunca o vi em minha vida.

Por que hei de ser atencioso com ele? Certamente não lhe escreverei, se assim o preferir.



"— Ótimo! É um compromisso! — disse ele, levantando-se da cadeira. — Bem, estou muito contente por conseguir uma pessoa tão boa para meu irmão. Aqui está o adiantamento de cem libras, e aqui está a carta. Tome nota do endereço: Corporation Street, 126-B, e lembre-se de que o encontro é amanhã à uma hora. Boa noite, e tenha toda a sorte que merece.



"Foi tudo o que se passou entre nós, tão exatamente quanto posso lembrar. O senhor deve imaginar, dr. Watson, como eu estava contente com aquele extraordinário golpe de sorte. Passei quase toda a noite em claro, congratulando-me comigo mesmo, e no dia seguinte fui para Birmingham, num trem que me levaria com tempo de sobra até meu emprego. Levei minhas coisas para um hotel na New Street, e depois dirigi-me para o endereço que me fora dado.



"Faltavam quinze minutos para a hora marcada, mas pensei que não faria diferença. O 126-B é uma passagem entre duas grandes lojas que conduz a uma escada de pedra em espiral onde há muitos apartamentos alugados para escritórios particulares e de companhias. Os nomes dos ocupantes estavam pintados na parede do térreo. Mas não estava lá o nome da Franco-Midland Hardware Company, Limited. Por instantes, fiquei com o coração na mão, receando que tudo aquilo não passasse de uma bem-elaborada mistificação, quando apareceu um homem que me abordou. Era muito parecido com o sujeito que vira na noite anterior, a mesma figura e a mesma voz, mas sem barba e com o cabelo mais claro.



"— É o sr. Hall Pycroft? — perguntou.


"— Sim, senhor — respondi.

"— Estava à sua espera, mas o senhor chegou um pouco antes da hora. Recebi uma carta de meu irmão esta manhã, na qual lhe faz grandes elogios.





Sidney Paget, 1893

 Sidney Paget, 1893


 "— Estava exatamente à procura dos escritórios quando o senhor chegou.

"— Não pusemos ainda nosso nome, porque só arranjamos estas salas temporárias na semana passada. Venha comigo e discutiremos o assunto.

 "Acompanhei-o até o alto de uma escada empinada. Ali, justamente debaixo do patamar, havia um par de salas pequenas, vazias e empoeiradas, sem cortinas e sem tapetes. Pensava num grande escritório com filas de escreventes e mesas envernizadas, ambiente a que estava acostumado. Mas, pelo contrário, vi duas cadeiras de pinho, uma mesinha com o livro razão e a cesta de papel, e o mobiliário se resumia a isso.

 "— Não se preocupe, sr. Pycroft — disse meu novo conhecido, vendo-me a expressão do rosto. — Roma não foi feita num dia, e atrás de nós há muito dinheiro, posto que nossos escritórios não façam ainda muito boa figura. Sente-se, por favor, e deixe-me ver sua carta.

"Entreguei-a, e ele a leu com muita atenção.

 "— Parece que o senhor causou ótima impressão a meu irmão Arthur — disse ele —, e sei que ele é um juiz muito arguto. Ele trata da parte que diz respeito a Londres, e eu de Birmingham, mas desta vez seguirei o conselho dele. Considere-se, portanto, definitivamente contratado.

"— Quais são meus encargos? — perguntei.

"— Dirigirá o grande centro de Paris, que espalhará um dilúvio de louça inglesa nas lojas de cento e trinta e quatro agentes na França. A compra será completada dentro de uma semana. Enquanto isso, o senhor permanecerá em Birmingham e se fará útil.


 "— Como?


"Como resposta, tirou da gaveta um grande livro vermelho.

"— É o guia de Paris, o nome das pessoas seguido de suas profissões. Quero que o leve para casa a fim de marcar todos os vendedores de louça e seus endereços. Ser-me-ão de grande utilidade.


 "— Há, seguramente, listas classificadas — sugeri.

"— Não são exatas. Seu sistema é diferente do nosso. Tome o livro e dê-me a lista segunda-feira ao meio-dia. Passe bem, sr. Pycroft. Se continuar a mostrar zelo e diligência, terá na companhia um bom patrão.

 "Voltei ao hotel com o grande livro debaixo do braço e com um conflito de sentimentos no peito. Por um lado, estava empregado definitivamente e com cem libras no bolso. Por outro, a aparência do escritório, a ausência do nome na parede, e outros pontos que deviam espantar um homem de negócios deixaram-me má impressão quanto à situação de meus patrões. Mas agora podia vir o que viesse, pois eu já tinha o dinheiro, e por isso dediquei-me à minha tarefa. Passei todo o domingo trabalhando, e na segunda-feira apenas chegara à letra 'h'. Visitei meu patrão. Encontrei-o na mesma sala desguarnecida. Disse-me que persistisse até quarta-feira, e então voltasse. Quarta-feira estava ainda por terminar, de modo que trabalhei até sexta-feira, que foi ontem. Levei-o então ao sr. Pinner.


 "— Muito obrigado — disse ele. — Receio ter compreendido mal a dificuldade da tarefa. Esta lista prestar-me-á grande auxílio no trabalho.

"— Levei bastante tempo — disse eu.




"— E agora — disse ele —, quero que me faça uma lista das casas de móveis, porque todas vendem louças também.

"— Muito bem.




"— E pode vir amanhã às sete da noite para que eu saiba como vai indo o trabalho. Não trabalhe demais. Um ou duas horas à noite no Day's Music-Hall depois do trabalho não o prejudicarão. — Ria quando falava, e me surpreendi ao ver que seu segundo dente do lado esquerdo fora muito mal incrustado com ouro."


Sherlock Holmes esfregou as mãos com leite, e eu olhei com espanto para nosso cliente.



— O senhor pode estar estranhando, dr. Watson, mas eu explico. Quando falava com o outro, em Londres, no momento em que ri ao afirmar que eu não poria os pés na Mawson, notei que tinha um dente incrustado daquela maneira. Quando comparei a mesma voz e a mesma figura, alteradas apenas pelo que uma navalha ou uma peruca podem fazer, não duvidei de que era o mesmo homem. É claro que se espera que dois irmãos sejam iguais, mas não que tenham o mesmo dente incrustado do mesmo modo. Ele curvou-se para mim, e encontrei-me na rua completamente transtornado. De regresso ao hotel, meti a cabeça numa bacia de água fria e tentei resolver o problema. Por que ele me teria mandado de Londres para Birmingham? Por que teria ido antes de mim? E por que teria escrito uma carta para si próprio? Era tudo muito estranho, e eu não podia tirar qualquer conclusão. Então, ocorreu-me de repente que o que eram trevas para mim podia ser luz para Sherlock Holmes. Só tive tempo de me dirigir pelo trem da noite à cidade, para vê-lo esta manhã e trazê-los comigo para Birmingham.




Houve uma pausa depois que o escriturário da casa de corretagem concluiu sua surpreendente narrativa. Então, Sherlock Holmes piscou-me o olho, encostando-se na poltrona com uma cara de satisfação, como um conhecedor que acabou de tomar o primeiro trago de uma vindima selecionada.




— Excelente, Watson, não é? Há pontos que me agradam. Creio que concordará comigo em que uma entrevista com o sr. Pinner no escritório temporário da Franco-Midland Hardware Company, Limited, seria uma experiência muito interessante para ambos.

— Mas como a conseguiremos? — perguntei.

— Oh!, é muito fácil — disse Hall Pycroft com alegria. — Os senhores são dois amigos meus que procuram colocação, e nada mais natural do que levá-los à presença do diretor-gerente!




— Isso mesmo! Muito bem — exclamou Holmes. — Gostaria de apreciar o cavalheiro, para ver se descubro alguma coisa mais de seu jogo. Meu amigo, que qualidades possui o senhor que tornam seu serviço tão valioso? Ou seria possível que... — e começou a morder as unhas e a olhar vagamente pela janela; não lhe arrancamos outra palavra até chegarmos à New Street.



Às sete horas, naquela noite, descíamos os três a Corporation Street em direção ao escritório da companhia.

— Não vale a pena chegarmos antes da hora — disse nosso cliente. — Aparentemente ele só vai lá para me ver, porque, fora dos horários marcados, o escritório está sempre deserto.

— Isso é sugestivo — observou Holmes.



— Por Júpiter, olhem lá! — exclamou o escrevente. — Lá vai ele, andando à nossa frente.

Apontou para um homem relativamente baixo, louro e bem-vestido, que caminhava depressa do outro lado da rua. Quando olhávamos para ele, aproximou-se de um garoto

que apregoava a última edição do jornal da tarde, correndo entre carros e ônibus, e comprou-lhe um. Então, segurando firmemente o jornal, desapareceu atrás da porta.



— Lá vai ele! — gritou Hall Pycroft. — Lá onde entrou são os escritórios da companhia. Venham comigo, e trataremos do assunto tão facilmente quanto possível.



Seguindo-lhe o rastro, subimos cinco andares, até encontrarmos uma porta meio aberta, onde nosso cliente bateu. Uma voz de dentro ordenou: "Entre". Penetramos numa sala nua, tal como Hall Pycroft a descrevera. Junto da



única mesa estava sentado o homem que tínhamos visto na rua, o jornal à sua frente, e quando olhou para nós pareceu-me que nunca encarara um rosto que ostentasse tantos sinais de angústia — e de alguma coisa mais: uma dor que poucos homens sentem na vida. As sobrancelhas brilhavam de suor, a face tinha o tom branco, triste e sepulcral do ventre de um peixe, e os olhos pareciam selvagens e espantados. Olhou para seu escrevente como se não pudesse reconhecê-lo, e pude notar, pelo assombro que se estampou na fisionomia de nosso guia, que aquela não era a aparência habitual de seu patrão.



 W. H. Hyde, 1893

— Parece que o senhor está doente, sr. Pinner!
— exclamou ele.

— É verdade. Não me sinto bem — respondeu o outro, fazendo óbvios esforços para se recompor, e lambendo os lábios secos antes de falar. — Quem são estes cavalheiros?

— Este é o sr. Harris, de Bermondsey, e este outro é o sr. Price, desta cidade — disse nosso escriturário com desembaraço. — São meus amigos, homens experientes, mas ficaram desempregados há pouco tempo e esperavam que o senhor talvez lhes pudesse conseguir uma vaga no quadro de funcionários da companhia.

— É muito possível. É muito possível — repetiu, com um sorriso medonho. — Não tenho dúvida de que poderemos arranjar-lhes qualquer coisa. Qual é sua profissão, sr. Harris?

— Contabilista — disse Holmes.



— Ah! Precisamos de algo desse género. E o senhor, sr. Price?

— Escriturário — disse eu.

— Espero que a companhia possa admiti-los. Eu lhes darei uma resposta logo que chegemos a qualquer conclusão. E agora peço-lhes que se retirem. Deixem-me só, pelo amor de Deus.



As últimas palavras foram uma espécie de descarga, como se a contenção a que se tinha sujeitado de modo repentino e perfeito se rompesse. Holmes e eu olhamos um para o outro, e o sr. Pycroft aproximou-se da mesa.

— O senhor esquece, sr. Pinner, que estou aqui a seu pedido, para receber instruções — disse ele.

— É verdade, sr. Pycroft, é verdade — respondeu o outro, num tom mais calmo. — O senhor pode esperar um momento, e não vejo razão para que seus amigos também não esperem. Dentro de três minutos estarei inteiramente à sua disposição, caso sua paciência seja suficiente... — Levantou-se com ar muito cortês, fez-me uma vénia quando passava pela porta, na extremidade da sala, e fechou-a atrás de si.

— E agora? — murmurou Holmes. — Estará fugindo sorratamente?

— Impossível — respondeu Pycroft.

— Por quê?

— A porta dá para uma sala interior.

— Não há saída?

— Nenhuma.

— Está mobiliada?

— Ontem estava vazia.

— Então que diabo estará fazendo? Há coisas aqui que não entendo. Mas, se já existiu uma pessoa cheia de loucura e terror, o nome dessa pessoa é Pinner. De onde lhe veio esse pavor?

— Talvez suspeite que somos detetives — sugeri.

— Talvez — admitiu Pycroft.

Holmes meneou a cabeça.

— Ele não empalideceu. Já estava pálido quando entramos na sala — disse Holmes. — É possível que...

Suas palavras foram interrompidas por um agudo martelar do outro lado da porta interna.

— Por que diabo estará batendo em sua própria porta? — exclamou o escriturário.

Ouviu-se novamente o ruído, agora mais alto. Todos olhamos ansiosamente para a porta fechada. Encarando Holmes, vi que seu rosto se tornara rígido e que se inclinava um pouco para a frente, com intensa emoção. Então, ouviu-se de repente um som cavernoso, gorgorejante, e um rápido tamborilar no madeiramento. Holmes precipitou-se violentamente para a sala e empurrou a porta. Estava trancada por dentro. Seguindo-lhe o exemplo, arremessamo-nos contra ela com todo o nosso peso. Um gonzo quebrou-se, depois o outro cedeu e a porta veio abaixo com um grande estalo. Precipitamo-nos para ela e entramos numa sala interior. Estava vazia.

Mas o logro foi apenas momentâneo. Num canto, o canto mais próximo da sala que deixáramos, havia uma segunda porta. Holmes arremessou-se contra ela e abriu-a. Um casaco e um colete estavam no soalho, e, num gancho atrás da porta, com os suspensórios em volta do pescoço, estava pendurado o diretor da Franco-Midland Hardware Company. Tinha os joelhos encolhidos, e sua cabeça pendia num medonho ângulo sobre o corpo; o bater dos tornozelos contra a porta é

 Sidney Paget, 1893

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

